

A comunicação na era das Redes Sociais: aproximações teóricas¹

Vanessa Matos dos Santos²

Sonia Aparecida Cabestré³

Erika de Moraes⁴

Resumo: O progresso da tecnologia digital trouxe modificações que repercutem em todos os campos da vida cotidiana e na organização das atividades humanas. Neste início de século, o homem tem explorado cada vez mais a Internet, que põe em cheque diferentes perspectivas, tais como a noção de comunidade, identidade e cultura. Mesmo levando em consideração esse contexto, a aprendizagem com a utilização das possibilidades das redes sociais ainda é muito tímida. O propósito deste artigo é retomar a discussão sobre as tecnologias digitais sob a perspectiva das redes sociais. Não se pode negar o papel representado pelas tecnologias interativas, uma vez que através de sua utilização disponibilizam informações de e para diferentes áreas e setores nas organizações. Ressalta-se, que uma das principais características das TIC é a de diminuir a “distância” entre o ser humano e aquilo que lhe pode ser extremamente valioso: a informação. Isto posto, são abordados os fundamentos referentes à globalização, tecnologias interativas, redes sociais e a comunicação nesse contexto.

Palavras-chave: Comunicação. Redes Sociais. Internet. Educação.

¹ Trabalho produzido pelas professoras integrantes do Grupo de Pesquisa “Estudos de Comunicação, Mídia e Sociedade” – GPECOM/USC/BAURU/SP.

² Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da UNESP de Araraquara, Docente da Universidade Sagrado Coração (USC) em Bauru-SP, email: vanmatos.santos@gmail.com.

³ Relações Públicas com Doutorado em Educação “Ensino na Educação Brasileira” pela UNESP/Marília. Docente do Curso de Relações Públicas e Coordenadora da Especialização em Comunicação nas Organizações da Universidade Sagrado Coração (USC) em Bauru-SP, email: scabestre@uol.com.br.

⁴ Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp e Docente da Universidade Sagrado Coração (USC) em Bauru-SP, e-mail: erika.moraes@usc.br.

1. INTRODUÇÃO: SOCIEDADE, FRONTEIRAS E AMBIGUIDADES

A configuração de uma sociedade mundializada a partir do século XX é resultado do processo de internacionalização dos mercados e das economias, alavancado pela globalização num primeiro momento e, posteriormente, pelas tecnologias digitais. O sistema de produção é engendrado por uma matéria-prima completamente diferente do motor a vapor de outrora: a informação. Segundo Castells (2003) vivemos num sistema classificado como Capitalismo Informacional, pois as trocas comerciais características do sistema capitalista são as mesmas, ainda que estejamos tratando de uma nova matéria-prima.

Nesse contexto, o espaço agora é deslocalizado, devido à flexibilidade proporcionada pelas tecnologias digitais (ORTIZ, 1999). A globalização ganha terreno como novo modelo mercantil econômico em que, mais uma vez, impera a lógica da exploração. Alguns movimentos surgem na luta pelo não-sufocamento das nações menores; afloram os sentimentos de patriotismo, nacionalismo, identidade, comunidade e pertencimento. Enquanto fenômeno, a globalização merece ser especialmente destacada, uma vez que foi através dela que alguns valores passaram a ser padronizados e, em consequência disso, adotou-se também novas concepções de tempo e espaço, inseridos na lógica do acúmulo de capital.

A globalização é resultado de um processo que se desenvolveu de maneira lenta, quase imperceptível. Enquanto expansão de um novo ciclo do capitalismo, a globalização também traz à cena de debate uma nova sociedade, de caráter global. Embora esta sociedade ainda esteja sendo construída, seu alcance é de ordem planetária, movendo-se sobre nações, impérios, fronteiras geopolíticas etc. O grande desafio está em entender quais as novas significações adotadas pelo local, o regional, o nacional e global no contexto mundial.

O local, nacional e global não se opõem, derivando daí, a noção de territorialidades desvinculadas do meio físico (geográfico). O modo de vida dos indivíduos – compreendidos aqui como Sujeitos – é desterritorializado e a mundialização da cultura circula livremente em redes desconectadas deste ou daquele lugar (ORTIZ, 1999). A cultura torna-se, portanto, mundializada. O espaço, no entanto, não se torna mundializado por si só. Mundial não quer significar, necessariamente, global. Enquanto o primeiro está mais voltado para uma reflexão mental desprovida de limites fronteiraços, o segundo está voltado para o ponto cartográfico no sentido de englobar o mundo. Santos (1997, p. 31) destaca que “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo,

senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”.

A metáfora rede encontra expressão nas novas tecnologias, mas principalmente em novos espaços e tempos, proporcionados pela experiência do ciberespaço. Com a expansão da Internet, este espaço consagrou-se como uma nova dimensão espaço-temporal no interior da qual toda a economia, cultura, política e saber do século XXI vão ocorrer. É possível entender o ciberespaço, segundo Lemos (2004), a partir de duas perspectivas: primeiro, como local em que nos encontramos quando estamos num ambiente virtual (visto que a experiência palpável da virtualidade faz com que seja experimentada uma nova ambiência); segundo, como conjunto das redes de computadores, podendo estes estarem interligados ou não. A tendência é que exista uma união das duas perspectivas com a interligação das redes. O ciberespaço - ou ambiente virtual - caracteriza-se também pela sua configuração em rede. Neste contexto, é comum ouvirmos a expressão “redes sociais” para designar plataformas que possibilitam a interação entre os Sujeitos no interior desse novo espaço. No entanto os estudos nesta área necessitam de maior aprofundamento.

As novas tecnologias interativas “permitem a participação, a intervenção, a bidirecionalidade e a multiplicidade de conexões. (...) rompem com a linearidade e com a separação emissão/recepção” (TEIXEIRA; BRANDÃO, 2003, p. 4, apud CABESTRÉ; BELLUZZO, 2008, p. 149).

É importante também destacar que as redes sociais não são dependentes do ciberespaço, sendo que este representa apenas um dos espaços em que essas agregações sociais podem ocorrer. Partindo dessa constatação, entendemos que é preciso apresentar um breve histórico do estudo das redes sociais para, em seguida, situar a expressão atual que elas assumem, numa articulação com a Educação.

2. REDES SOCIAIS

A relação que o Sujeito estabelece com a Sociedade é de suma importância para a compreensão da formação das redes sociais. No escopo deste artigo, compreendemos que a Sociedade deve ser entendida como uma rede de indivíduos em constante transformação. Este fenômeno ocorre por meio da atribuição de funções sociais e da verificação da natureza das relações desempenhadas pelos próprios indivíduos, num processo de contínua interdependência (ELIAS, 1994).

Ainda assim, quando tratamos do tema redes, entramos em contato com variadas concepções que, por sua vez, resgatam ideias que vão desde o senso comum até formulações teórico-conceituais

acabadas provenientes de campos específicos do Saber, notadamente das Ciências Sociais, Antropologia e, mais recentemente, da Comunicação. De uma forma geral, todas as concepções parecem ter um ponto em comum: falar em redes pressupõe um trabalho articulado com a noção de troca de informações. De acordo com Loiola e Moura (1997, p.54), a noção inicial de redes faz referência a algo desprovido de núcleo central ou diretivo; neste caso, as redes não são hierárquicas.

O estado da arte dos estudos em redes sociais, no que se refere especificamente ao campo das Ciências Sociais, pode ser expresso por meio de duas vertentes, quais sejam: 1) a rede enquanto elemento capaz de explicar a estrutura social (teoria da explicação da realidade) e, 2) a rede como uma forma de descrever as relações sociais presentes no cotidiano. Essa descrição buscava a constatação empírica de diferentes relações sociais num campo social circunscrito (SCHERER-WARREN, 2007). No que se refere às sociedades modernas, torna-se importante fazer a diferenciação entre redes de relações sociais e um “conjunto de ação” das redes que se originam em contexto específico para executar uma determinada tarefa. Mesmo assim, a análise das redes sociais ainda enfrenta questões emblemáticas das mais variadas naturezas por conta das ambiguidades presentes em um mundo cada vez mais conectado por processos informacionais. Porquanto seja possível uma multiplicidade de enfoques, depreende-se que é necessário, antes, traçar um breve histórico sobre os estudos de redes sociais.

2.1. Breve histórico dos estudos de redes sociais

A origem das primeiras articulações rumo à formulação de uma teoria das redes sociais remonta às décadas de 1930 e 1940, porém numa forma bastante incipiente. Segundo Lozares (1996), a teoria de redes sociais sofreu diversas influências provenientes da Sociologia, Psicologia, Antropologia e da Matemática. Ancorada na Psicologia, a Teoria Gestalt influenciou a forma como concebemos a Teoria de Redes à medida que resgatava a forma e percepção de um objeto.

Ainda referenciando o estudo documentado por Lozares (1996), Kur Lewin (1936, apud LOZARES, 1996) também ofereceu importante contribuição ao analisar que a percepção e o comportamento dos indivíduos a de um mesmo grupo estão relacionados ao espaço social formado pelo próprio grupo e seu entorno que resulta, em última instância, em um campo de relações. As relações construídas neste campo social podem ser estudadas e analisadas por meio de procedimentos matemáticos.

No cerne dessas pesquisas sociológicas estava a ideia de focalizar os pequenos grupos com o intuito de explicar como se constituiria sua estrutura, bem como buscar parâmetros para compreender

de que forma esta mesma estrutura poderia afetar comportamentos individuais. Nesse sentido, Barnes (1954) realizou um estudo numa pequena comunidade de pescadores em que foi possível constatar a importância da amizade e do parentesco como relações informais e interpessoais na produção do sentimento de integração social. Em sua concepção, a totalidade da vida social deveria ser vista como um conjunto de alguns pontos – os chamados nós – que seriam ligados por linhas para formar redes totais de relações⁵.

Mitchell (1969) explica que tal concepção não valoriza importantes aspectos das redes sociais, quais sejam: status, papel social e a intensidade dos laços relacionais. Uma forma de valorizar tais aspectos seria a utilização de uma concepção mais analítica em detrimento de uma abordagem metafórica que, embora tenha sua importância ao abordar a questão filosófica das redes, não consegue comprovar sua eficiência do ponto de vista de um instrumento de análise das relações sociais. No entanto, o próprio Mitchell (1969) reconhece a limitação de uma abordagem analítica das redes porquanto os Sujeitos seriam representados apenas como “nós” e os relacionamentos como “linhas e elos”. Desta forma, fica claro compreender porque Mitchell defende que a análise de redes sociais só teria validade se utilizada de forma complementar a outros métodos, provenientes da Sociologia e da Antropologia.

A ideia de rede enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos pessoais, seus elos e o contexto em que se inscreve foi utilizada por Elizabeth Both (1971) em uma de suas pesquisas, o que a tornou uma das primeiras antropólogas a utilizar e documentar os resultados obtidos com base na análise de redes sociais.

É importante destacar que, entre a década de 1950 e 1960 poucos sociólogos trabalharam com a perspectiva das redes sociais. No entanto, entre as décadas de 1970 e 1980, um salto foi dado e, a partir daí, proliferaram as pesquisas que se utilizavam da perspectiva e dos métodos das redes sociais como instrumentos de análise. Lozares (1996) chega a afirmar que este é o período em que estudos de redes sociais atingem a maioria. Com isso, muito do aparato conceitual e metodológico ligado à Teoria de Redes é construído e, conseqüentemente, os procedimentos de análise ganham sofisticação e respeitabilidade ao longo dos anos. Para Scherer-Warren (2007), a abordagem idiográfica (baseada em estudos históricos e etnográficos) tornou-se relevante a partir do momento em que as redes sociais passaram a ser utilizadas para a pesquisa de ações coletivas e movimentos sociais.

⁵ Do original: “como um conjunto de algunos puntos (nodos) que se vinculasen por líneas para formar redes totales de relaciones” (BARNES, 1954, p. 43).

Vale destacar aqui o importante impulso inicial dado pelos estudos conduzidos por Granovetter (1973). Em suas pesquisas com redes sociais, o sociólogo identificou dois padrões interacionais: laços fracos e laços fortes. Diferentemente do que se acreditava até então, Granovetter descobriu que padrões interacionais que representavam laços fracos eram mais importantes na manutenção de uma rede social que os laços fortes, pois eles seriam os responsáveis por fazer a ponte com vários grupos sociais. A explicação está justamente no fato de que indivíduos que estabelecem laços mais fortes geralmente estão circunscritos aos mesmos círculos sociais, não variando as relações. Em contrapartida, geralmente, os indivíduos com que se estabelecem laços mais fracos estão presentes em outros círculos, permitindo a variabilidade de grupos sociais.

A década de 1990 é marcada por estudos mais robustos que expressam uma Teoria de Redes Sociais mais lapidada por conta de pesquisas anteriormente desenvolvidas e da emergência de uma nova concepção de espaço fomentada pelas tecnologias digitais. Nesse sentido, Scherer-Warren (2007) destaca a questão das redes sociais na sociedade da informação por meio de novas abordagens e movimentos societários, porém com viés voltado para as Ciências Sociais. Paralelamente, desenvolve-se também o detalhamento dos estudos voltados para a Análise de Redes Sociais (ARS) – campo que se desenvolve notadamente no final dos anos 90.

O estudo das redes sociais também precisa ser pensado a partir de uma articulação destas no contexto da Sociedade da Informação com base em uma tripla dimensão: social, espacial e temporal. Estas dimensões, por sua vez, expressam conflitos de naturezas diversas, quais sejam: o tradicional e o moderno (ou pós-moderno), o local e o global, o indivíduo e o coletivo (SCHERER-WARREN, 2007).

A relação que se estabelece entre as redes e o tempo reside, antes, na possibilidade de comunicação em tempo real. O diferencial desta comunicação está no fato de que ela permite uma conexão de tempos sociais distintos (KERBAUY; SANTOS, 2011). Vale lembrar que a comunicação em tempo real ganhou relevo principalmente em decorrência do progresso tecnológico, que trouxe consigo o uso de suportes que permitem a comunicação em tempo real, ainda que os Sujeitos estejam em espaços diferentes, com temporalidades históricas próprias.

Os tempos sociais são distintos, mas é possível que co-existam e partilhem pontos semelhantes e divergentes, mas experimentando uma nova experiência calcada na sinergia entre o virtual e o presencial. Isso ocorre como resultado do progresso tecnológico e da hibridização das culturas que se fazem presentes nas redes informatizadas. Em que pese existirem variadas críticas nesse sentido, deve-se lembrar que este movimento abre possibilidades que nenhuma das partes alcançaria isoladamente; trata-se de uma complementação entre o virtual e o presencial.

As redes virtuais, por outro lado, ultrapassam essa fronteira e criam verdadeiros territórios virtuais em que a adesão dos Sujeitos não se faz em função da proximidade geográfica, mas sim por afinidade política, cultural e ideológica. Embora essas redes se expressem sob diferentes formas de existência, a influência de uma sobre a outra é latente. Isto é, os objetivos podem ser partilhados, ainda que de diferentes formas, em diferentes territórios.

As fronteiras tradicionais são deslocadas e, desta forma, o local torna-se global. Os Sujeitos globais podem re-revisitar o plano local, demonstrando que é possível realizar o caminho inverso. A razão deste movimento pode estar no fato de que as redes sociais têm se tornado mais globais e mais locais, num movimento que ocorre de forma simultânea e paralela. Estes movimentos ocorrem ainda, conforme ressalta Scherer-Warren (2007, p. 39), na medida em que “há cada vez mais conexões do espaço mundial com os assuntos dos espaços domésticos”. Em essência, não é a forma (virtual ou presencial) que garante a existência da rede, mas sim as dinâmicas interacionais por ela suportadas, a sociabilidade presente nas conexões.

O fato de as pessoas vivenciarem cenários diferentes e desenvolverem atividades diversas no seu cotidiano, impossibilitando a realização e/ou efetivação de compromissos por intermédio da comunicação face a face, fez da Internet um canal bastante utilizado, otimizando os relacionamentos, sejam de caráter profissional e/ou pessoal. Nesse sentido, Teixeira; Brandão (2003, p. 4) ressaltam a existência da possibilidade de interação, de comunicação entre indivíduos e grupos e da troca de informações entre eles, permitindo a construção e socialização do conhecimento. (apud CABESTRÉ; BELLUZZO, 2008, p. 149)

O surgimento da organização em rede, a divisão internacional do trabalho e a necessidade cada vez maior da utilização informatizada da informação redefinem as instituições e as organizações da economia informacional no cenário contemporâneo, criando uma nova cultura. Este universo de redes digitais e seus suportes originais de informação produzem modificações dos laços sociais, dando origem a processos flexíveis e novas redes de produção nas organizações (LÉVY 1994 apud BRENNAND, 2008, p.1, apud CABESTRÉ; BELLUZZO, 2008, p. 150).

Neste sentido, a difusão de informações de forma mais ampla e rápida torna possível a conexão de iniciativas locais e globais, resultando num processo de fortificação das lutas; trata-se de uma única voz, ainda que os corpos biológicos estejam fixos em um determinado espaço geográfico.

Se antes se privilegiava o Sujeito da transformação social, a narrativa das redes concebe o Sujeito como expressão de múltiplas identidades, em constante transformação. A dicotomização das classes cede lugar ao reconhecimento do outro por meio da identificação de seus pontos de concordância e divergência.

A coexistência de múltiplas linguagens, formatos, vivências etc. resulta em conflitos que são, por sua vez, benéficos. Compreendemos, portanto, que o conflito possibilita o reconhecimento do outro com o exercício da alteridade - o que, conseqüentemente, possibilita enxergar a nós mesmos (identidade). Pelo contraste, eleva-se o outro da condição de objeto para a condição de Sujeito.

2.2. A comunicação na era das Redes Sociais

No início da década de 1990, mesmo com o progresso tecnológico, muitas pesquisas ainda se debruçavam sobre a questão da possibilidade técnica oferecida pelos meios de comunicação e como estas características afetariam o que poderia ser feito por meio deles. No final da década, em 1997, Laura Garton, Caroline Haythornthwaite e Barry Wellman publicaram um estudo detalhado das redes sociais na internet no *Journal of Computer-Mediated Communication*, em que apresentaram as características das redes neste novo contexto.

Se antes a possibilidade técnica era o fator mais importante a ser analisado nestas redes, agora as relações ocupam o primeiro plano de análise. Ao focar as relações entre os Sujeitos, Garton et. al (1999) sugerem que sejam utilizadas unidades de análise, quais sejam: relações (caracterizadas por conteúdo, direção e força), laços sociais (conectores de pares por meio de uma ou mais relações), multiplexidade (quanto maior o número de relações estabelecidas por um laço social, maior a sua multiplexidade) e composição do laço social (características individuais dos Sujeitos envolvidos na relação).

As relações que se estabelecem em contexto de CMC tendem a ignorar ou não considerar o nível social dos Sujeitos e privilegiam o conteúdo da mensagem, em detrimento dos atributos dos emissores e receptores. Por conta dessa característica, o uso da CMC é capaz de transcender as estruturas hierárquicas e estimular a participação dos que permanecem na periferia das redes sociais.

As unidades de análise até aqui expostas norteiam o exame de dinâmicas interacionais entre os Sujeitos. No entanto, na internet, essas mesmas unidades precisam ser revistas em decorrência das características específicas desse novo espaço. Recuero (2009, p.25) destaca que os mesmos elementos estão presentes nas relações sociais desenvolvidas na internet, mas “não são facilmente discerníveis”. Os Sujeitos (ou atores, como explica Recuero) são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós ou nodos. Os Sujeitos moldam as estruturas sociais por meio dos laços que estabelecem. Na internet, os Sujeitos também estabelecem laços, mas a lógica é diferente: não se trata do Sujeito propriamente dito e sim de uma representação dele. Desta forma, o que se reconhece no ciberespaço é uma representação ou uma expressão identitária do Sujeito. Para explicar este

aspecto, Recuero (2009) recorre aos estudos de Sibilía (2003) e Lemos (2002), para quem a “construção de si” e “construção do eu” já estavam presentes em alguns *weblogs*. Neste sentido, estes espaços são concebidos como lugares no ciberespaço; trata-se de uma apresentação de si, a delimitação de um espaço privado, no interior de um espaço público. A individualização, a expressão de alguém que fala por meio deste espaço, é que, na concepção de Recuero (2009, p.27) “é que permite que as redes sociais sejam expressas na internet”.

A necessidade de exposição pessoal por meio da Internet é, na verdade, expressão da própria sociedade que, ao exacerbar o individualismo, faz com que o Sujeito precise ser “visto” para ter sua forma de existência no ciberespaço garantida. O que o Sujeito busca, ao se representar nas redes sociais na internet, é fazer parte da sociedade em rede (RECUERO, 2009, p.28). Ainda sobre esta questão, a autora destaca o estudo de Marlow (2004) sobre a inserção de *links* como forma de identificação nos *weblogs* inferindo que os *links* já se traduzam em laços sociais entre os Sujeitos. É importante destacar que a representação na rede social informatizada pressupõe a possibilidade expressão de múltiplas facetas de uma mesma identidade.

Para Brennand (2008), a presença do virtual redefine as hierarquias de acesso à informação e a *navegação* abre caminhos para o surgimento de novos espaços organizacionais - a aprendizagem cooperativa. Mídias clássicas como jornais, bibliotecas, museus, televisão etc., participam, atualmente, da alimentação de redes de informação e podem se constituir em repositórios indispensáveis para a formação de uma nova forma de inteligência: a “inteligência coletiva” (LÉVY, 1994 apud BRENNAND, 2008, p.3, apud CABESTRÉ; BELLUZZO, 2008, p. 150).

De acordo com Brennand, a emergência do ciberespaço e a necessidade de reconstrução da concepção de inteligência coletiva, por sua vez, colocam as organizações diante de uma dimensão pouco percebida da comunicação. Neste universo de inovação de novas linguagens, os caminhos estão abertos na direção do redescobrimto das possibilidades que são inerentes a cada indivíduo na busca de soluções aos complexos problemas da atualidade.

Ressalta-se que, no ciberespaço as interações acontecem segundo particularidades, fatores diferenciais. Se numa relação face-a-face existem elementos paralinguísticos que permitem fazer uma leitura prévia do Sujeito, isso não acontece no ciberespaço, visto que não existem “pistas da linguagem não-verbal e da interpretação do contexto da interação” (RECUERO, 2009, p.30). Outra característica peculiar reside no fato de que, levando-se em conta as possibilidades oferecidas pelo suporte comunicacional, é possível que a interação continue ocorrendo mesmo que o Sujeito esteja desconectado do ciberespaço. Deriva daí a concepção de que, no ciberespaço, as interações podem ocorrer de forma síncrona ou assíncrona.

Ainda com respeito às interações mediadas por computador, Primo (2003) destaca uma tipologia específica para guiar as análises neste campo de estudo. Na concepção do autor, existem duas formas de interação nestes contextos, quais sejam: interação mútua e interação reativa. Na primeira forma, a interação é construída de forma cooperada pelos Sujeitos envolvidos no processo que afeta ambos de forma interdependente. No segundo caso, no entanto, a interação pode ser caracterizada por uma expressão de estímulo-resposta, desprovida de envolvimento e cooperação por parte dos Sujeitos.

A partir desse ponto de vista, Recuero (2009) destaca que o pensamento comum seria o de que as interações no ciberespaço seriam sempre pautadas no diálogo e, portanto, interações mútuas. No entanto, a autora ressalta que:

Na maioria das vezes, efetivamente, a interação reativa dá-se apenas entre o agente e o sistema que media a ação comunicativa (como no caso do link). Entretanto, em alguns casos, como no sistema do Orkut, é possível interagir com várias pessoas simplesmente através de botões, aceitando ou não uma “amizade” ou “entrando para uma comunidade”. (...) Embora essas interações não sejam mútuas, elas têm impacto social, já que têm também reflexos nos dois lados da ação comunicativa. Se alguém aceita ser amigo de alguém no Orkut, por exemplo, há um reflexo no sistema (as pessoas são unidas por uma conexão) e um reflexo no indivíduo (cada um dos interagentes terá mais um “amigo”, que poderá ter acesso a seus dados pessoais e enviar mensagens). (RECUERO, 2009, p. 33).

Um conjunto de interações – ou mesmo uma única interação – pode originar uma relação. Esta, por sua vez, envolve uma grande quantidade de interações que, não necessariamente, precisam construir algo. As interações podem ser conflituosas, derivando daí uma diminuição da força do laço social. O conteúdo a ser trocado nas interações sociais auxilia na definição do tipo de relação social. Articulando-se essa explanação à concepção de interações mútuas e reativas, Recuero (2009) explica que as interações sociais reativas – tratadas anteriormente por Primo (2003) – podem constituir uma associação, com a concepção de pertencimento a um grupo. Neste sentido, os laços associativos são entendidos como laços construídos nas relações por meio de CMC. Recuero (2009) explica que, na tentativa de fazer a adaptação para este novo contexto, aos laços que Breiger (1974) classifica como relacionais, a autora classifica como laços dialógicos, expressão da interação social mútua, nas palavras de Primo (2003), conforme esquema abaixo:

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplo
Laço associativo	Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar <i>links</i> com alguém no <i>Fotolog</i> , etc.
Laço dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc.

Figura 02 – Esquema tipo de laço x tipo de interação

Fonte: Recuero (2009, p.40)

O fato de ser digital não diminuiu o esforço empregado na aprendizagem, não abriu mão da necessidade de leitura, pesquisa e elaboração do raciocínio lógico e crítico de uma aprendizagem verdadeiramente autônoma (MASON; RENNIE, 2008).

Neste sentido, um ponto questionável reside na questão do “mito do nativo digital” de que as crianças seriam nativas, enquanto os adultos seriam “imigrantes” no novo contexto digital (OWEN, 2004). Hayles (2008) afirma que as novas gerações “pensam digital”, enquanto que as gerações mais antigas “pensam impresso”. A argumentação de Hayles (2008) reside no fato de que, segundo ela, por mais que tenhamos contato com as novas tecnologias, nossos hábitos de leitura e escrita ainda seguem o mesmo padrão.

O processo de imersão nesse novo ambiente tem natureza global, mas, paradoxalmente, algumas barreiras são criadas. Isto acontece porque, embora o ambiente seja outro - de natureza virtual - culturalmente ainda somos os mesmos e tendemos a criar ou reforçar - em rede - o que fazemos do outro lado da tela. Na concepção de Kroker (1996), o virtual deve existir com um complemento do físico, um facilitador e estimulador. E, nesse sentido, existem evidências muito fortes de que, ao invés de utilizar a internet para ações mais globais, muitos usuários estão mais interessados em utilizar a rede para estabelecer conexões locais ou complementar vínculos

comunicacionais já existentes com pessoas com quais já se tem certo grau de familiaridade (KROKER, 1996⁶).

Mesmo diante do avanço tecnológico da rede, o foco continua sendo o ser humano, aqui apresentado pelos nós - ideia que foi sintetizada por Kroker (1996) em: “Esqueça os fios, os nós que são importantes, cada um é uma pessoa real conectada não apenas à rede, mas, mais intimamente, a um espaço geográfico⁷”.

Considere-se que, mais relevante que o dispositivo tecnológico em si, é a observação das práticas dos Sujeitos envolvidos no processo. O desenvolvimento de sistemas mais fáceis do ponto de vista do usuário e um incremento maior das interações em ambientes virtuais.

Não se pode ignorar a importância dos meios de comunicação na criação da sensação de ambiência. Licoppe e Smoreda (2005) já haviam evidenciado novas formas de sociabilidade em que a presença não é simplesmente o oposto da ausência.

No que se refere ao uso das redes sociais especificamente, o Brasil é o país que mais utiliza as redes sociais no mundo (NIELSEN, 2010)⁸. Os dados, referentes a abril de 2010, mostram que os internautas do Brasil são os que mais visitaram redes sociais na comparação com outros países. Cerca de 86% dos usuários de internet no Brasil acessaram as redes sociais. Cabe destacar, no entanto, que nem todas as redes sociais têm a mesma natureza. Isto é, existem redes de compartilhamento de arquivos, notícias, perfis. O que se tem observado, no entanto, é que a afirmativa de Kroker (1996), pelo menos inicialmente, tem sido comprovada. Isto é, as conexões que dos usuários nestas redes se dão com pessoas já conhecidas ou, no mínimo, com quem se mantém algum ponto comum de interesse.

Em 2006, a pesquisa conduzida por Golder et. al. (2006) demonstrou que o padrão de interação social no interior de uma das maiores redes sociais do mundo – o *Facebook* – tinha conexão com a

⁶ Do original, em inglês: “Evidence continues to grow that, instead of using the internet to act globally, many users today are more interested in using the internet to make new local connections or to supplement existing communication between themselves and people they are already familiar with” (KROKER, 1996).

⁷ Do original, em inglês: “Forget the wires, it's the nodes that are important, each one a real live person connected not just to the network but, more intimately, to a geographical place” (KROKER, 1996).

⁸ Segundo o levantamento, 86% dos usuários ativos de Internet no Brasil acessaram redes sociais. Em segundo lugar no ranking está a Itália (78%) e em terceiro, a Espanha (77%). O ranking segue com: Japão (75%), Estados Unidos (74%), Inglaterra (74%), França (73%), Austrália (72%), Alemanha (63%) e Suíça (59%). A pesquisa está disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2010/06/15/internauta-brasileiro-lidera-uso-de-rede-social-em-todo-o-mundo/>

questão geográfica⁹. Aspectos como pertencimento a uma determinada escola e laços com amigos virtuais também foram analisados, demonstrando que os usuários do *Facebook* parecem ser agrupados em função do pertencimento a uma determinada escola em relação aos padrões temporais de mensagens. Esses resultados foram demonstrados pela constatação de que 90,6% das mensagens foram trocadas entre pessoas que estavam listadas como amigos. Ou seja, aspectos geográficos ainda definem sobremaneira os padrões de interação desenvolvidos pelos sujeitos no interior das redes sociais.

Já o *Twitter*¹⁰, surge como uma espécie de *microblog* em que as pessoas podem interagir por meio da resposta à pergunta: “O que está acontecendo?” Não é preciso fazer uma análise profunda para perceber que nem todos os usuários interagem apenas por meio da resposta à pergunta. Muitos, aliás, compartilham links do que estão lendo, assistindo ou mesmo expressam opiniões sobre situações diversas. Além disso, o fato de não seguir regras específicas tem sido apontado como um dos motivos de sucesso da rede, conforme explica Spyer (2009, p.10): “Um dos motivos do sucesso do *Twitter* é atribuído ao fato dele ser um serviço incompleto, sem finalidade definida e que, portanto, ainda está sendo diariamente inventado, do ponto de vista técnico e também em termos de aplicação”.

As possibilidades neste campo ainda estão sendo descobertas. Sabe-se, no entanto, que as redes agregam os Sujeitos e auxiliam sobremaneira na divulgação de informações diversas na área educacional (KERBAUY; SANTOS, 2011).

Ao falar sobre as características da geração net (ou nativos digitais), é importante destacar que se trata de uma geração que faz muitas coisas ao mesmo tempo, desenvolve outros tipos de percepção, aprecia outros formatos de texto.

De acordo com Brennand (2008), a configuração do ciberespaço assemelha-se a um campo de batalha onde são constantemente confrontados diferentes tipos de interesses. Insere-se, nesse sentido, o posicionamento de Lévy (1994 apud BRENNAND, 2008, p.4), ao mencionar que as novas tecnologias da informação e comunicação são, potencialmente, forjadoras de uma nova relação entre os indivíduos que transcende o tempo e o espaço tradicional. Por se constituírem em um espaço

⁹ Nessa pesquisa foram analisadas cerca de 362 milhões de mensagens trocadas entre pouco mais de 4 milhões de usuários de uma rede social de estudantes universitários por um intervalo de 26 meses. Os dados mostraram que existe uma certa regularidade diária e semanal, capaz de fornecer pistas sobre os padrões de acesso e a vida social desses estudantes.

¹⁰ Quando o *Twitter* começou a funcionar, em 2006, a pergunta primária era: “O que você está fazendo agora?” A versão atual do microblog já traz a nova pergunta.

navegável e virtual, organizam e difundem idéias e argumentos conectados, modificando as bases da troca de saberes e experiências (apud CABESTRÉ; BELLUZZO, 2008, p. 150).

4. CONCLUSÃO

Cabe ponderar que o simples fato de estar conectado à internet não quer significar, necessariamente participar da produção do conteúdo. Normalmente, quando as grandes agências divulgam o número de usuários conectados, é comum que governos e instituições diversas traduzam os números como expressões de uma nova democracia. Cabe, neste caso, a crítica de que ter acesso é diferente de participar, pois se a internet não proporcionar espaços de participação efetiva, ela simplesmente servirá para expressar – por meio de uma nova mídia – a dominação que já se expressa no plano físico.

A inteligência coletiva, como processo de articulação dos diversos saberes, deverá ser o pólo articulador de atos de comunicação onde os indivíduos coordenem ações de socialização do conhecimento, desenvolvam atos comunicativos capazes de servir para a difusão do saber culturalmente acumulado, coordenem ações de integração social que sirvam para tematizar normas adaptadas a cada contexto particular, e, enfim, desenvolvam atos de comunicação que sirvam para construir os controles internos do comportamento e, em particular, reforcem as estruturas da personalidade e identidades individuais e coletivas nas organizações (HABERMAS, 1987 apud BRENNAND, 2008, p.4 apud CABESTRÉ; BELLUZZO, 2008, p. 150).

5. REFERÊNCIAS

CABESTRÉ, S.A.; BELLUZZO, R.C.B. Desenvolvimento e inovação no cotidiano do profissional de Relações Públicas. Anuário UNESCO/Methodista de Comunicação Regional –Ano 12, n. 12, p. 141-158, jan/dez. 2008 - ISSN 1809-435X –Dossiê de Relações Públicas.

CASALEGNO, F. Exploring the notion of presence in collaborative environments. Dossiê IAMCR. In *Revista FAMECOS*, nº 24, jul, Porto Alegre: PUC-RS (quadrimestral).

ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Revista Informação e Informação*. Londrina – PR, v. 12, número especial. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1784/1520>. Acesso em 01 out 2010.

BARNES, J.A. Class and Committee in a Norwegian Island Parish. In: *Humans Relations*, n. 7. 1954.

BREIGER, R. The duality of persons and groups. *Social Forces*, volume 53, n. 2, 1974.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CASTELLS, M. *The internet galaxy: reflections on the internet, business, and society*. USA: Oxford University Press, 2003.

CAVALLINI, R. *Onipresente – comunicação: de onde viemos e para onde vamos*. São Paulo: Fina Flor, 2009.

DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. *Redes, sociedades e territórios*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FIGUEIREDO, A. D. Redes e educação: a surpreendente riqueza de um conceito. In *Conselho Nacional de Educação: Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento*, Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, Lisboa, Maio de 2002.

FOLMER, R.; M. YOUNG. *Análise de Redes Sociais: elementos para uma discussão teórico metodológica*. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/213> . Acesso em: 11 out 2010.

GARTON, Laura; HARTHORNTHWAITTE, Caroline; WELLMAN, Barry. Studying Online Social Networks. *Journal of Computer Mediated Communication*, V 3, issue 1 (1997). Disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/garton.html>. Acesso em: 2 out 2010.

GARTON, Laura; HARTHORNTHWAITTE, Caroline; WELLMAN, Barry. Studying Online Social. In: JONES, S. *Doing Internet research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999.

GOLDER et. al. (2006). *Rhythms of social interaction: messaging within a massive online network*. Disponível em: www.hpl.hp.com/research/idl/papers/facebook/facebook.pdf. Acesso em 21 out 2010.

GRANOVETTER, M. *The Strength of Weak Ties*. American Journal of Sociology, n. 78, 1973

HANSEN, M. B. N. *New philosophy for new media*. The MIT Press, 2006; Id. *Bodies in code: interfaces with digital media*. New York: Routledge, 2006a.

HAYLES, N. K. *Electronic literature: new horizons for the literary*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2008.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

INTERNET WORLD STATISTICS. Dados gerais. Setembro de 2010. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/> Acesso em 30 out 2010.

KERBAUY, M. T. M.; SANTOS, V. M. Redes sociais educacionais mediadas por computadores in BARROS; D.M.V. et al. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**, Lisboa: [s.n.], 2011. ISBN: 978-989-20-2329-8.

KITTLER, F.A. *Gramophone, film, typewriter*. Stanford Univ. Press, 1999.

KROKER, A. *Code warriors*. (1996), Disponível em: http://www.ctheory.com/a36-code_warriors.html. Acesso: 20 out 2010.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre / RS: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LICOPPE, C.; SMOREDA, Z. Are social networks technologically embedded? How networks are changing today with changes in communication technology. *Social Networks*, n. 27. 2005. Disponível em: http://113.212.161.150/elibrary/Library/Social_Network/Licoppe_Are.pdf. Acesso em: 10 out 2010.

LOIOLA, E.; MOURA, S. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. In: FISHER, T. (Org.) *Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

LOZARES. C. *La teoria de redes sociales*. 1996. Disponível em: <http://webs2002.uab.es/antropologia/ars/paperscarlos.rtf> Acesso em 2 out 2010.

LYOTARD, François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986

MITCHELL J.C. *Social Networks in Urban Settings*. Manchester, England: Manchester University Press, 1969.

MOLINA, J. L. La ciencia de las redes. *Apuntes de Ciencia y Tecnología*, 11, p. 36-42, jun. 2004. Disponível em: http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/public_archivos/ciencia.pdf. Acesso em: 17 out 2010.

MORENO. J. *Who Shall Survive?* NY: Beacon Press. 1934.

NEWMAN, M. E. J. The structure and function of complex networks. *SIAM Review*, 45, p. 167-256, 2003. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/condmat/0303516>. Acesso em: 30 out 2010.

NIJHOLT, A. *Where computers disappear, virtual humans appear*. Department of Computer Science of Twente University of Technology. The Netherlands. Disponível em: www.sciencedirect.com. Acesso: 1 out 2010

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. 2.ed. São Paulo: Olho d'água, 1999.

OWEN, M. *The myth of the digital native*. 2004. Disponível em: http://www.storyboards.org.nz/only_connect/2004/07/myth-of-digital-native.html Acesso em: 30 out 2010

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. In: *Intercom 2003 - XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Belo Horizonte. Anais da Intercom. 2003.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. *Teoria das redes e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs*. Disponível em: http://www.4shared.com/document/i5ODaYjE/Raquel_Recuero_-_TEORIA_DAS_RE.html. Acesso em 2 out 2010.

REDES sociais a serviço do ensino. Revista *Veja*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/redes-sociais-servico-ensino> . Acesso em: 15 out 2010.

SANTOS, Milton. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHERER-WARREN, I. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. *Redes, sociedades e territórios*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

WAQUIL, M. P.; BEHAR, P. A. Princípios da pesquisa científica para investigar ambientes virtuais de aprendizagem sob o ponto de vista do pensamento complexo In: BEHAR, P. A. (Org.). *Modelos pedagógicos em educação a distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WATTS, Duncan J. *Six Degrees*. The Science of a Connected Age. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

SPYER, J. et all. *Manual do Twitter*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/18384882/Manual-Twitter-Baixa-resolucao-3-MB>. Acesso em 1 out 2010.

PEW INTERNET RESEARCH CENTER. *Teens and mobile phones*. Abril, 2010. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2010/PIP-Teens-and-Mobile-2010-with-topline.pdf> Acesso em: 2 out 2010.